

QUAL O COMPORTAMENTO DE TUTORES DE GATOS FRENTE À ALGUMAS QUESTÕES DE SANIDADE ANIMAL NA CIDADE DE PELOTAS?

JULIANA RIBEIRO PEGORARO¹; FERNANDA RODRIGUES MENDONÇA²;
CARINE DAHL CORCINI³

¹Universidade Federal de Pelotas – ribeiropegoraro@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - nandarm.vet@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – corcinicd@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As relações de afetuosidade que foram desenvolvidas entre humanos e animais tornaram os cães e gatos muito dependentes das pessoas, concedendo responsabilidade ao ser humano por cuidar de forma adequada desses indivíduos, garantindo os cuidados com saúde, controle reprodutivo e todas as questões que estão relacionadas ao seu bem-estar (COSTA, 2017).

Frequentemente a falta de informação faz com que os tutores se comportem de maneira irresponsável com seus pets, como por exemplo ao permitir que estes tenham acesso à rua sem supervisão, o que representa grande risco para o pet em questão, pois um animal semi-domiciliado fica exposto à situações perigosas, como contato com animais doentes, lugares insalúbres, maior risco de atropelamento e outros. (RODRIGUES et al, 2015). Além disso, animais errantes causam um aumento no número de acidentes por mordedura, que possuem potencial zoonótico, como raiva e esporotricose (LESSA et al, 2007).

Além de impedir o acesso à rua, um tutor responsável deve oferecer uma alimentação de qualidade, realizar o controle reprodutivo e manter em dia o calendário vacinal de seus animais, uma vez que os principais objetivos desse manejo são proteger o indivíduo, impedir a transmissão de doenças (zoonoses ou não) e prevenir a sintomatologia mais grave de uma doença (AMARO et al, 2016).

Em relação ao controle reprodutivo, a castração é uma alternativa eficaz no controle populacional de cães e de gatos, pois colabora com a redução da natalidade e garante o bem estar animal (SILVA et al, 2015). Dependendo de diversos fatores genéticos e geográficos, uma fêmea de gato não castrada pode começar a se reproduzir com seis meses, produzindo em torno de três ninhadas de três a quatro indivíduos em média, por ano (CARLSON & GIFFIN, 1992), o que resulta em torno de 88 novos indivíduos em um ano, adicionando para o problema da superpopulação e de animais semi-domiciliados.

Este trabalho, tem por objetivo descrever o comportamento de tutores de gatos na cidade de Pelotas, frente à algumas questões pontuais de sanidade animal, com o objetivo de futuramente realizar trabalhos junto à comunidade, de forma a contribuir para a educação destes tutores com relação à posse responsável.

2. METODOLOGIA

Foi feito um estudo seccional transversal de base populacional onde 870 pessoas na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, responderam a um questionário online desenvolvido na plataforma Google Forms intitulado “Conhecimento da população pelotense a respeito da reprodução de felinos”. Os participantes foram informados através de um termo de participação livre e

esclarecida a respeito dos propósitos do estudo e se concordavam ou não com a participação no mesmo. Além disso, Médicos veterinários, zootecnistas e estudantes destes cursos a partir do terceiro semestre foram impedidos de participar. O questionário foi divulgado nas redes sociais Facebook e Instagram. O presente trabalho objetiva a discussão dos resultados obtidos através da análise das repostas de 50 tutores de gato.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 50 tutores de gato entrevistados, apenas 25 (50%) dizem vacinar o animal, sendo que 22 afirmam não vacinar, e os outros 3 não souberam responder. Dado semelhante ao encontrado em um estudo feito por FARIA (2014) no município de Fortaleza (CE) onde apenas 48% dos gatos foram vacinados, sendo que a principal justificativa para este baixo índice, foi a dificuldade no manejo do transporte da espécie até os locais de vacinação. Em um outro estudo feito por PAUVOLID-CORRÊA; SERRA-FREIRE (2009) na região Metropolitana do Rio de Janeiro, 51% dos inquiridos afirmavam não estar vacinando seu animal, resultado também bastante semelhante ao encontrado na cidade de Pelotas. A vacinação animal exerce um papel importante na prevenção de diversas doenças, sendo que com a realização da vacina o organismo passa a produzir anticorpos, se tornando apto a combater várias infecções, o que consequentemente evita que o animal adoença (SAMPAIO, 2014). Com base nos resultados anteriores, percebe-se que uma grande parcela dos tutores, nos diferentes estudos, não está vacinando, deixando seus animais vulneráveis a doenças que poderiam ser evitadas pelos protocolos vacinais.

Em relação a castração, 40 tutores dizem que o animal é castrado, representando 80%. Vale ressaltar que a situação financeira, que pode ser observada na figura 1, pareceu não interferir neste resultado, pois tutores com meio salário castraram e em contrapartida alguns tutores com mais de seis salários optaram por não castrar. Esses dados diferem dos encontrados por FARIA (2014), onde apenas 9% dos felinos eram castrados, e a principal causa da limitação do procedimento era a questão financeira. Uma das formas mais eficazes de garantir uma vida digna aos animais, reduzindo o abandono, é conter o crescimento das populações por meio da castração (SILVA et.al.,2015). Além de evitar crias indesejadas, que muitas vezes acabam culminando em renegação, a esterilização reduz a probabilidade de certas doenças, como neoplasias mamárias nas fêmeas castradas antes do primeiro estro (REZENDE et.al., 2012). Em um estudo realizado por GOMES (2013) 92% dos tutores não souberam informar quais eram os benefícios desse procedimento.

Quando questionados se o felino tinha acesso a rua, 11 disseram que sim, representando um total de 22% (figura 2). Com acesso à rua, considera-se que o animal pode contrair doenças de outros gatos, sofrer acidentes, ser vítima de maus-tratos e, caso não seja castrado, procriar (OSÓRIO, 2011). E neste caso, 4 tutores deixam o animal acessar a rua sem supervisão mesmo não sendo castrado. Ao considerar a vacinação, 6 tutores dizem não ter vacinado, dado este que demonstra irresponsabilidade desses tutores, pois a desproteção desse felino pela falta da vacina, associado a exposição as ruas, aumenta o risco de contrair e transmitir doenças, conforme um estudo feito por GRISOLIO et. al. (2016) onde ele realizou uma avaliação da condição de risco de transmissão de doenças por cães e gatos, tendo como base algumas informações sobre vacinação e saída as ruas. Alguns tutores veem o gato como um elemento “natural” das ruas, e ao mesmo tempo permite a sua presença muito próxima, como comer e dormir

dentro de suas casas, sendo essa associação de circunstâncias um enorme potencial de veiculação de zoonoses (GENARO, 2010).



Figura 1 - Renda dos tutores de gatos.

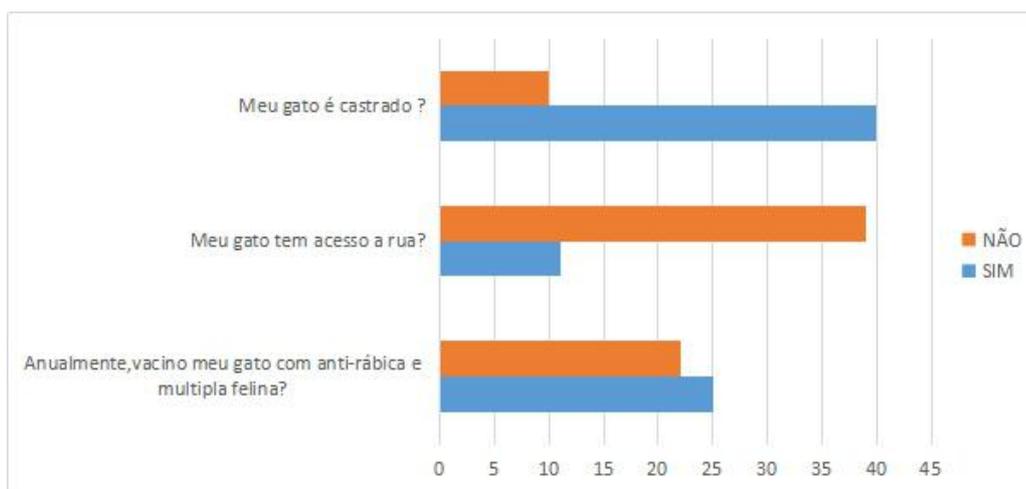


Figura 2 - Algumas das perguntas realizadas para os tutores de gatos no decorrer do questionário.

4. CONCLUSÕES

O aspecto mais preocupante dos comportamentos dos tutores em relação a sanidade animal, foram as questões a cerca da vacinação, mostrando-se necessário o desenvolvimento de campanhas de vacinação com divulgação afínco, além de disseminar informações através das midias sociais a respeito do assunto, afim de conscientizar os tutores da importância em vacinar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARO, F.P.A.; MACZUGA, J.M.; CARON, L.F. A vacinologia em cães e gatos. *Archives of Veterinary Science*, Paraná, v.21, n.1, p.01-10, 2016.

CARLSON, D., & GIFFIN, J. (1992). **Dog owners home veterinary handbook**. Queensland, Australia: Howell Book House.

COSTA, V. K. N. **Contribuição ao estudo da percepção da população sobre o comportamento de cães e gatos em 4 comunidades rurais de Mossoró/ RN.** 2017. Dissertação (Mestrado em Ambiente Tecnologia e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Ambiente Tecnologia e Sociedade, Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

FARIA, J.A. **Relação/control populacional de cães e gatos/ melhoria das condições ambientais e bem-estar da comunidade no bairro da Paupina em Fortaleza, Ceará.** 2014. Dissertação (Mestrado em Ambiente Tecnologia e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Ambiente Tecnologia e Sociedade, Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

GENARO, G. Gato doméstico: futuro desafio para controle da raiva em áreas urbanas? **Revista Pesquisa Veterinária Brasileira**, Rio de Janeiro, v.30, n.2, 2010.

GRISOLIO, A.P.R.; PICINATO, M.A.C.; NUNES J.O.R.; CARVALHO, A.A.B.; FERRAUDO, A.S. Avaliação da população de cães e gatos e sua distribuição espacial em relação à condição de risco de transmissão de doenças. In: **CONGRESSO DE PESQUISA EM SAÚDE ANIMAL E HUMANA**, Londrina, 2016. Anais do I COPESAH. Londrina: Programa de Pós-graduação em Ciência Animal da UEL, 2016. v.1, p.127-130.

LESSA, M. M.; LESSA, H. A.; CASTRO, T. W. N.; OLIVEIRA, A.; SCHERIFER, A.; MACHADO, P.; CARVALHO, E. M. Leishmaniose mucosa: aspectos clínicos e epidemiológicos. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia**, v.73, n.6, p.843-847, 2007.

OSÓRIO, A. Posse responsável: moral, ciência e educação ambiental em um grupo de protetores de gatos de rua. **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar**, São Carlos, SP, v.3, n.2, p.51-75, 2011.

PAUVOLID-CORRÊA, A.; SERRA-FREIRE, N.M. Inquérito sobre cobertura vacinal antirrábica de cães e gatos na área metropolitana do Rio de Janeiro, RJ. **Revista de Ciências Agrárias**, Belém, n.52, p.131-136, 2009.

REZENDE, L. F.G; LOPES, T.V.; MAIA, C.A.A; TEIXEIRA, W.R; SHONS, S.V. Perfil dos proprietários de cães e gatos e a prática da guarda responsável dos acadêmicos CEULJI-ULBRA. **Archives of Veterinary Science**, v. 17, p.34- 36, resumo 012, 2012. Suplemento.

RODRIGUES, I.M.A.; LUIZ, D.P.; CUNHA, G.N. Princípios da guarda responsável: Perfil do conhecimento de tutores de cães e gatos no município de patos de minas – MG. **Ars Veterinária**, Jaboticabal, SP, v.33, n.2, p.64-70, 2017.

SILVA, S.B.D.; FARIAS, J.O.G.; BARROS, R.A.; ANDRADE, G.D.S. Castração em pequenos animais. In: **XVII Encontro de Iniciação Científica e II Mostra de Extensão da UninCor**, Três Corações, 2015. Anais do XVII Encontro de Iniciação Científica e II Mostra de Extensão da UninCor. Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde, 2015. p.31.